



---

## OUTROS TEMAS: UMA APRESENTAÇÃO

Sandra Duarte de Souza\*

Além do dossiê, o presente número conta com outros dois artigos e uma resenha. Em “Virgem Maria e as representações do gênero feminino”, Renata Fernandes Maia de Andrade trata da influência da representação imagética mariana sobre a forma como o feminino é representado no cristianismo. Ciente de que as representações de Maria são produto de um contexto patriarcal, a autora afirma a relação entre esse contexto e as construções da imagem da santa. Ela demonstra o processo de transformação das imagens de Maria ao longo do tempo, que tem suas primeiras imagens públicas datadas do ano 313. Renata Andrade apresenta diversas representações de Maria como “mãe que concebe imaculada”, como “modelo de maternidade afetiva”, “modelo de mãe que sofre pelo filho perseguido e morto” e como símbolo de “modéstia”, “pobreza” e “bondade”. Um destaque importante está na representação de Maria negra. Segundo a autora, a origem dessa representação estaria no período colonial e nos tensionamentos entre a população nativa e as imposições imagéticas dos colonizadores.

Alef Monteiro em “Servas do Deus Branco”, apresenta um ensaio psicanalítico sobre o sofrimento emocional de mulheres negras participantes da Assembleia de Deus na periferia urbana de Castanhal, no Pará. O autor relaciona a vulnerabilidade experimentada por mulheres negras vivendo em zonas periféricas e as respostas oferecidas por igrejas pentecostais a esse segmento, e se pergunta sobre os “seus efeitos na saúde mental da população negra periférica”. O trabalho etnográfico realizado com seis assembleianas de Castanhal, demonstrou que to-

---

\* Doutora em Ciências da Religião e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: sandra.souza1@metodista.br



das acompanham a representação racial dominante de Deus: “Deus é branco”. Para Monteiro, essa representação personifica ideais coloniais eurocêntricos, o que implica entender que “o perfil das “mulheres de Deus”, as “profetizas”, “mulheres de oração”, “servas de Deus”, é branco fenotípico e culturalmente europeizado”. Ele identifica o conflito de todas as suas entrevistadas quanto à interpretação da igreja sobre o ideal da “mulher de Deus”. Para todas a “mulher de Deus” deve ter cabelos longos. Isso leva o autor a se perguntar pelo sofrimento emocional experimentado por essas mulheres. Os relatos das entrevistadas tratam de sexualização da mulher negra, racismo institucional e sexismo, e Monteiro conclui que no contexto pesquisado o ideal de Ego e o Superego são “substancialmente racistas”. O autor, porém, observa haver “canais de desvio da energia anímica causada pelo trauma racial”. Esses canais viabilizariam a permanência dessas mulheres na igreja.

Por fim, na seção “Resenhas”, Nilza Menezes apresenta o livro autobiográfico de Annie Ernaux, “O Acontecimento”, que trata das dificuldades emocionais, religiosas, políticas e legais experimentadas pela autora em seu processo para a realização de um aborto.

Como sempre, Mandrágora entrega à comunidade acadêmica mais um número com instigantes textos para estimular a reflexão sobre gênero e religião. Boa leitura!

## BIBLIOGRAFIA

BUTLER, Judith. **Notes toward a performative theory of assembly**. Cambridge. Massachusetts, London: Harvard University Press, 2015.

MARIZ, Cecília. “Instituições tradicionais e movimentos emergentes”. In: PASSOS & USARSKI (Orgs.). **Compêndio de Ciências da Religião**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma família como outra qualquer: casamento igualitário e novas famílias em igrejas evangélicas LGBT. **Revista Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 33, pp. 343-372, 2019.

NATIVIDADE, Marcelo e OLIVEIRA, Leandro de. **As novas guerras sexuais: poder religioso, diferença e identidades LGBT no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.